

Adaptação: **UMA MULHER AVENTURA DE MIM**
Texto: Ariano Suassuna

ROTEIRO

DIÁLOGO: *No palco vê-se o sombrio de dois capangas, um de cada lado de uma cerca. Da plateia surge a figura do narrador, aproximando-se a platéia.*

NARRADOR:

Fica sentida não pra dançar
Fica olhando que não vai aqui
Macha bumbão como rosa, eu quero pra casar
Tanto em casa e não deixa mais sair!

Vestido oculto
Cabeça trançada
Mulher por aqui
Só a base do lago

Fica, portas do meu coração
com Cordel eu pensarei
e escrever uma poesia
na ali tem que tomar
mas algumas das palavras
depois si que misturei

Eu tô tentando apurar meus versos e inspiração
mas os versos vão fugindo ficando a tudo
pela mão, foi com biquipe
e rapadura com macaréus

Muito momento, as atores interrompem: Ei, a história!
Narrador percebe, pede desculpas, e volta ao palco para apresentar a história...

NARRADOR:

Vou contar explicito
Como a tragédia se deu
As tortas pra dissipar
Da boca que não é boca!

De um lado Joaquim valente
Cabeça macho que mata na hora
De outro: Antônio tímido
Quat a terra pra sua filha
Não tem medo de diabo

Na terra sem o dia
Nem a, nem a, nem a...
Sai que aqui pedras
No meio das ilhas, o amor?

Francisco chega partido
Mão no império sem o perigo.
Nem liga pra terra molhada
E se enuncia com as pernas brancas

No meio das pedras
Vai-se ver quem tem mais força
Se a disputa pela terra
Ou a harmonia da água...

*Narrador vai para o lateral, ouvindo ler os poemas, música no fundo.
Carpangas em posição de ataque.
Balança as armas ao mesmo tempo, lentas.
Diálogo.*

MANOEL: Éta que isso aqui vai paga logo!

MARTIM: É vai bem que gosto, vai Manóel! Cada um tem seu aqui, é burro pra sua bolada! Quando a vida com a morte...

MANOEL: É vai, Martim, espanta do Josélim, ganha a vida com aqui? Tem partido é e com mais leão de um bandido!

MARTIM: Falando nisso, Antônio tá por aí?

MANOEL: Tá não, mas volta já...

MARTIM: Depois tá vai chegando. Se mais dois se encontrarem, vai até lá fora!

MANOEL: Ainda mais eu de todos que Francisco tá chegando...

MARTIM: Francisco é filho de Antônio? Esse não tinha sumido no mundo? Partido, morreu?

MANOEL: Não não, porque que vem por aí...

MARTIM: É, mas se aparecer por aqui vive! Tá morto.

*Narrador quer provocar, fazer uma investigação. Mostra pra planta o pedra, a fogo em direção à cerca.
Barulho, furação de ataque. Desmancha tudo.*

MARTIM: Isso aqui é uma parcela de prêmio, qualquer hora explode tudo!

MARCEL: É aí de quem vive por gente.

Remover acentos: Rosa

MARCELINO: Olha quem vem vindo, toda meliga e formosa
Doas vermelhas, lábios de Rosa
Cris azul, de uma espessa amênia
Oh, minha querida
Não: Égas tristes assim
Você é a mais bela flor desse jardim.

Rosa entra, Capanga é verde. Marcel fica sem saber se abraça Rosa ou não. Quando pega na arma, imediatamente Martin pega. Rosa vê, e avança correndo atrás, até aos cantos de flores. Martin observa Rosa.

MARTIM: Rosa, o que você está fazendo aqui?

ROSA: Vim cuidar das flores.

MARTIM: Mas Rosa, isso é perigoso de mais. Não sabe que não vai até pra chegar? Se não tá vi aqui fora!

ROSA: Eu sei bem cuidar de mim Martin.

Martin observa Rosa. Tenta fazer um carinho, toca-la. Ela recua.

MARTIM: Porque você tem me tratado assim?

ROSA: Assim como?

MARTIM: Assim, distante. A gente é primo Rosa. E sempre fomos tão próximos.

ROSA: Quando a gente era criança Martin. Agora é diferente.

MARTIM: Diferente. Sei bem o que é diferente. Você tá assim, é por causa do Francisco. Esse do homem, que se vai mais cedo.

ROSA: Se você está falando do Francisco, esse de minha tia inocência, sabe que não é por causa dele...

MARTIM: Melhor, porque esse Francisco tá morto. E se aparecer vivo por aqui, não dura muito tempo...

ROSA: Você sabe de alguma coisa? Ele está voltando?

MARTIM: Sei de nada não Rosa. Sei que se ele vier e Antônio se encontrarem, só vai pra toda mundo, e é melhor que você esteja lá desde quando isso acontecer.

de longe vem-se um canto, uma ladainha, um lamento. É Clery.
Entrado de Clery. Ainda para não chegar ao lugar. Todos cantam juntos. É ao fim do ritual, cada qual vai
por seu canto.

CICERO: Purifica meus ouvidos, pra que eu possa ouvir as que os homens têm a falar.
Purifica os meus olhos, pra que eu possa ver a bondade que não pode analisar.
Purifica minha chegada, meus tornos de Deus castigada,
Purifica ainda mais de briga amaldiçoada,
Porque o fim disso tudo, Deus me mandou pra anunciar.

Clery se levanta, Manoel o chama.

MANOEL: Ei, o que você está fazendo aqui? O povo diz que você tá aqui?

CICERO: Sou homem do pai e do rei glória.

MANOEL: Eu sei quem você é, não ficou andando por aí, não aqui tá paga e não paga.

CICERO: Tenho minha proteção.

MANOEL: Quando isso aqui paga foge, não vai adiantar proteção nenhuma. Quem vive de baixo do tel. pode
levar bola.

CICERO: É o diabo que você vai ganhar com isso. Garda a vista entrando os mortos.

MANOEL: Sou inteiro, eu vou ter gosto de isso.

CICERO: Não é porque sou velho, que vou morrer primeiro. Ainda posso viver na sua cidade.

Clery vai até Rosa

CICERO: Rosa, minha filha.

ROSA: Cicero!

CICERO: Como vai?

ROSA: Ah Cicero... Vou levando, sobrevivendo à toda hora.

Cicero fica admirando Rosa por um tempo.

CICERO: É incrível como você fica a cada dia mais parecida com sua mãe.

ROSA: Pare? O senhor não sabe quem fico feliz. Mas me conte como ela era? Se consigo me lembrar dela com
seus detalhes verdadeiros.

CÍCERO: Sua mãe era boa como o sol. Como suas jardins.

ROSA: Desde que ela morreu, eu acabo deixo jardins todos os dias. Mais eu fale mais sobre ela Cícero. Minha mãe tinha os olhos parecidos com os meus?

CÍCERO: Tinha sim! Os olhos e os cabelos também. Na dia em que ela morreu, suas jardins estavam coberto de neve.

Rosa (Demora, depois de ter ouvido quase toda a conversa. Vai até Cícero e Rosa).

DONANA: Cícero? (Interrompendo a conversa)

CÍCERO: Demora, estava aqui com Rosa, conversando sobre sua mãe... Como são parecidas, não é mesmo?

DONANA: Rosa, entre! Se Joaquim te pega aqui, não quero nem pensar o que pode acontecer.

ROSA: Já estou indo. Só vou terminar de regar essas...

DONANA: Eu mandei você entrar Rosa! Já!

ROSA: Mas mãe...

DONANA: Já te disse, não vou sua mãe! Mãe é aquela que se prova.

Rosa sai de cena.

DONANA: Quê você cantando aquela velha canção...

CÍCERO: Aquela que cantei no enterro de sua filha.

DONANA: Não fale nisso, se Joaquim ouvir, nem sei.

CÍCERO: E Rosa, sabe?

DONANA: Não. É a mulher que tem mãe.

CÍCERO: Sim, sim. A pobre morando no mesmo lugar onde corre o sangue que o próprio pai tirou da mãe...

DONANA: Tudo o que faço é cuidar de Rosa, desde que minha filha morreu, só faço isso. A casa pequena que ainda carrega o peso do sangue nos paredes.

CÍCERO: Cuida Demora, não deixe que aconteça com sua mãe, o mesmo que aconteceu com sua filha.

DONANA: Deixa-me livre do fardo de perder Rosa.

Entre Inês e Rosa, que corria uma conversa, e achou qd é sua filha chegando.

CÍCERO: Olha! Nilo é inocência que vem lá?

DOMANA: Inocência.

INOCÊNCIA: (Cumprimosando) Domana! Cícero!

Estou com pressentimento, que Francisco está por chegar!

DOMANA: Inocência, vá para dentro. Isso aqui te perigos.

INOCÊNCIA: Mãe Domana, eu vou falar com Joaquim!

DOMANA: Não inocência...

INOCÊNCIA: Essa guerra tem acabar Domana. Já perdi meu filho, e posso perder meu marido com isso!

DOMANA: Você não perdeu seu filho! Você mesmo disse que acha que não está por chegar. Eu não perdi minha filha.

CÍCERO: Vá para dentro Inocência. Se Joaquim for o que for com a mulher, imagine o que não for com a irmã.

INOCÊNCIA: Nilo Cícero! Nilo tenho medo dele! Joaquim acabou as terras de Antônio, e ainda quer fazer porca. Isso tem que acabar.

DOMANA: Inocência, você sabe de que Joaquim é capaz! Não tarde muito te chamar.

CÍCERO: Domana tem razão. É melhor você ir pra casa.

INOCÊNCIA: Mãe vou! Nilo tenho medo de Joaquim. Eu vou esperar!

Quem eu vou esperar?

DOMANA: É Joaquim! Melhor entrar lá.

INOCÊNCIA: Podem ir! Eu fico!

CÍCERO: Se não quer entrar...

Domana e Cícero entram em casa. Inocência continua esperando lá fora.
Joaquim entra, quando a vê, fica ofendido.

JOAQUIM: O que está fazendo aqui Inocência? Eu não disse que é pra você deixar meu porco em paz?

INOCÊNCIA: Eu vim aqui falar com você Joaquim.

JOAQUIM: Não quero ouvir o que você tem pra falar.

INOCÊNCIA: Ahá, você vai me ouvir não? Essa guerra tem que acabar Joaquim!

JOAQUIM: Desista disso, e volte pra sua casa. Isso não é assunto pra mulher.

INOCÊNCIA: Eu não arredo mais pó daqui. Você vai ter que me ouvir.

JOAQUIM: Ode mulher teimosa!

INOCÊNCIA: Essas terras são do Antônio. Você se lembra muito bem, quando o pai disse pra mim e pra você? Mas você não respirei, e foi levantei tudo!

JOAQUIM: Inevadido! Inevadido! O gado que foi comido porque não tinha comida. O Antônio nunca precisa dessas terras. Nunca fez nada por elas. Eu é que derreti o mato, queimei, preparei pro gado. Eu não sei desistir tudo agora.

INOCÊNCIA: Pelo amor de Deus! Essa guerra tem que acabar. Vá com o meu irmão.

JOAQUIM: Irmão?! Você deixou de ser minha irmã, a partir do momento que casou com o meu pior inimigo.

INOCÊNCIA: Puxa com isso Joaquim! A gente pode fazer um acordo, e cuidar dessas terras em família.

JOAQUIM: Como é que você tem coragem de falar em família!

Entra Antônio.

ANTÔNIO: O que foi Inocência? Vá pra dentro.

INOCÊNCIA: Antônio, pelo amor de Deus! Essa guerra tem que acabar. Isso já foi longe de mais.

Ele não dá atenção à Inocência, e continua encurando Joaquin.

INOCÊNCIA: Por favor, para nesse filho!

ANTÔNIO: É por ela que estou ficando louco!

Inocência, olha se dela por um instante e vai. Joaquim e Antônio se olham como dois brancos, a ponto de ser malhar a cabeça.

JOAQUIM: Que vergonha hoje Antônio, mandou a mulher na frente pra se garantir, bela atitude! Mas eu entendo, ela é do meu sangue, e a única que tem coragem de falar.

ANTÔNIO: Eu não sinto preocupação.

JOAQUIM: Então manda sua mulher tomar cuidado por onde ela anda.

ANTÔNIO: Essas terras são minhas, minha mulher anda por onde ela quiser.

JOAQUIM: Desde que ela não queria falar com o meu pai... de tudo de cá. É! Antônia das sandeiras, quem diria hein?

ANTÔNIO: Eu já te disse que faço o acordo, que sougo o meu destino sobre as terras que você querias. E só vou me desvairar as terras dos brabos. Eita daqui muito lhe cabe já que se não gada. E se não faria conta de uns terras se não fosse pra deixar pra meu filho Francisco. Certo é meu pai deixar pra mim, farei o mesmo pra ele, deixarei até a morte a família.

JOAQUIM: Tanto é verdade, você mesmo chamou me E lá, e depois você não quer acordo? Tá querendo é gastar tempo. E Kena? Precisa deixar algo para ele também, certo, gado, tudo que eu poder.

ANTÔNIO: Você é rico, Joaquim. E você não tá pensando em Kena nada, só nos seus interesses.

JOAQUIM: E Francisco?

ANTÔNIO: Que é que tem Francisco?

JOAQUIM: Senti que ele não? Deixar o pai? Depois de toda aquela briga, senti que ele pensa em se porcar?

ANTÔNIO: O que você tem a ver com isso? E lá é de sua conta? Só sabe a ele decidir.

JOAQUIM: Fiquem sabendo, que já tomei as providências para a chegada dele, e na primeira oportunidade, eu vou lá na testa dele, e fico com tudo.

ANTÔNIO: Isso continua a ser assim, resolvendo as coisas na particular, mas sabia de uma coisa, a minha morte vai ser mais difícil, do que todas que já fiz.

JOAQUIM: O que quer dizer com isso?

ANTÔNIO: Para um bom dono de terra, um senhor, vivendo bem.

JOAQUIM: Cala boca nos cantinhos.

ANTÔNIO: Sabe o que mais Joaquim, sabe porque você está lutando por esta lutando por esta terra? Não é por Kena não, é por você? É por você mesmo se acastado nas terras se você conseguiu. Ela te abandonou pra ficar sozinho.

JOAQUIM: Deixa de ser ridículo. Sê daqui.

ANTÔNIO: É bem isso mesmo. Por ela te te abandonou? Ela não ama. E se houver sangue, vai cair sobre sua cabeça. Sê lá pra não pra.

JOAQUIM: Sê lá mesmo.

Aparece uma bandeirinha Branca, Narrador da uma cidade, pra ver se está tudo bem.

NARRADOR:

Ai ai ai briga malida
Quando é que vai ter fim?
De um lado tá Antônio
E do outro Jacupira.
Mas sei se isso, mas sei se certo
Se contra na briga sei que morre
E ninguém vai chorar por mim.

Um jardim cheio de flor
Diagada, mais avelosa
Um Martin cheio de dor
Do amor que sente por Rosa.

Quero-se ao longo um canto matagalha
Figura religiosa amarelada à morte
Desse maré está velho conselheiro
Sem Rê-Beromaria
E quem o segue, feroz a morte.

Esta família laçada
Esta família sem joia
Nem curandeiro a sangue que os ama
Lança a loucura alguns anjinhos
Inocência já curande
Tenda sua última curande
Pra obter aquilo que cantam: de é de dentro
Uma terra sem sangue
Uma família mais unida
Menciona sempre a matilha
E mais amor à sua vida.

Ai meu Senhor Deus
Chagou quem se chama
Tá vindo ao longo o moço Francisco
por quem Rosa se encanta
E como é de se saber
Rosa, com cantos de lá de ter
E com toda sua beleza e formosura
Um amor por ela lá de nascer.

Francisco chega, volta a terra, a terra, começa a reconhecer o lugar. Narrador bate na porta da casa de Rosa, pra que os dois se encontrem.

FRANCISCO - Rosa?

ROSA - Francisco?

FRANCISCO - Nossa... como você está diferente!

ROSÁ - Então?

FRANCISCO - Sim. Está mais magra, mais bonita...

ROSÁ - Ah... obrigada! mas você também mudou. Está mais magra, mais bonito. Faz tempo que você voltou?

FRANCISCO - Não, ainda de chegar!

ROSÁ - Já viu seus pais?

FRANCISCO - Ainda não...

ROSÁ - Eles estão morando lá também?

(Rosá se aproxima da cerca e deixa cair uma flor que espreitava sua costela, Francisco a pega e a revolve)

Iniciam a cena de Amor.

PAULA - O amor antigo vive de si mesmo
Não de cultivo alheio no presente
Nada mais no pólo, nada espera
Mas do destino vive magra e sentença

Entram Helena Paula, entram Larissa e Foryan como casal, e Rosana narrando.

ROSANA - O amor antigo tem raízes fundas
Feitas de sentimento e beleza
Por aquelas margens no infinito
E por estas suplicas a natureza

Foryan abraça Rosana, Larissa fica para a margem.

(Larissa entra e fica para a margem, Rosana fica para a margem)

LARISSA - Eu te amo porque te amo
Não preciso ser amante e não sempre saber se-lo
Eu te amo porque te amo
Amor é tudo de graça e com amor não se paga
Amor é tudo de graça, é vontade no vento,
na cachoeira, no relógio
Amor foge a diccionários e a regulamentações várias
Eu te amo porque não amo a fantasia...

Foryan entra, e continua a falar. Entram Helena Larissa.

PAULINA - ...porque não amo e bastanta eu demais a mim
 porque amo não se briga não se julga não se ama
 O amor, é amor a nada
 Fala e finta em si mesmo
 O amor é a prisão da morte
 É de morte esquecer
 Por mais que se mata
 A cada instante de amor

Então Bruno, a eu "Amo-te como amigo e como amante" os outros amam também.

BRUNO - Amo-te tanto mais amor não conta
 Um humano completo com mais verdade
 Amo-te como amigo e como amante

TONDO - Nunca sempre a diversa realidade

PAULA - Amo-te como um filho simplesmente

LARISSA - De um amor sem mistério e sem virtude

TONDO - Com desejo marido e permanente

BREHAN - É de se amar assim, muito e a milés

PAULINA - É que um dia em seu corpo

TONDO - É de morrer e de amar mais que de que pode.

Termino a cena, com os corais dando "velinho", e a Paula, com uma flor "bem-me-quer, mal-me-quer"

BOBA - Eu esperei tanto por esse momento! Desde pequena. Quando você foi embora senti como se uma parte de mim tivesse ido com você. Pensei a comba com você todos os noites.

FRANCISCO - Boba, quero me casar com você. Desde que a conheci penso nisso.

BOBA - Ah, meu Deus, Francisco, é verdade e que você me diz?

FRANCISCO - Eu juro!

BOBA - Mas... é preciso cuidado, Francisco. Se não por você pago aqui...

FRANCISCO - Não tenho medo!

BOBA - Eu tenho que ter medo por mim e por você, porque agora estaremos sempre ameaçados pela morte.

FRANCISCO - Falo junto a guerra até longe de acabar...

ROSA - Está tudo tão pior. Nem os pais se casam, e não separamos nem ver juntos. É melhor eu ir.

Rosa deixa a bot que defendeu sua avó e a entrega à Francisco e, a mesma, dá à Rosa um beijo.

FRANCISCO - Fique com você! Querê de mais não!

ROSA - O que é isso?

FRANCISCO - É um beijo.

ROSA - É isso? Não agora não sei? (Rosa vai)

NARRADOR - Não me quer, não me quer, bom me quer, não me quer

Francisco e Rosa no bom tempo...

Um amor acido de Roscoe

Quem não vai gostar de Maria?

É muito mais bonito

Rosa entra em casa, e encontra lá encontra Francisco.

INOCÊNCIA - Mãe Deus do céu. Francisco, meu filho.

FRANCISCO - Mãe!

INOCÊNCIA - Ah! que meu coração te cheio de alegria.

FRANCISCO - Mãe que saudade!

INOCÊNCIA - Oha, como você tá bonito, tá magro já... Oha que beleza... A ideia bastante por aí meu filho?

FRANCISCO - Andei mais, andei. Cuidado várias lugares, muitas pessoas...

INOCÊNCIA - Mãe, você vai me que me contar tudo?

FRANCISCO - Conta sim mãe! E se quiser por aqui, como não?

INOCÊNCIA - Tudo na mesma mãe. Filho! Sua guerra que não acaba mais.

FRANCISCO - É possível

INOCÊNCIA - Mais você tá muito bonito. Tá tão diferente!

FRANCISCO - Mãe, e o pai?

IMMÊNSCIA: Continua do mesmo jeito. Tá até pior! Mas tenha paciência com ele não?

Se chegou novamente: *...mas não. Não vou ficar ali e vou me adaptar. Vou me adaptar.*

FRANCISCO: Ah! não, a senhora tá tão bonita!

Ela sorria: *...mas não. Não vou ficar ali e vou me adaptar. Vou me adaptar.*

ANTÔNIO: Desentrou o quatinho de casa? Vão pra Rua?

FRANCISCO: Quem sabe. Vm visitar a família. *...mas não. Não vou ficar ali e vou me adaptar. Vou me adaptar.*

ANTÔNIO: Agora você pensa em família. Mas abandonou, abandonou sua mãe. E não ficamos aqui, eu pegando sua terra. Mas, você tá bem?

FRANCISCO: Tá bem, e a senhora?

ANTÔNIO: Tá levando. *...mas não. Não vou ficar ali e vou me adaptar. Vou me adaptar.*

FRANCISCO: O senhor disse, muitas terras? Ele não temo terra nenhuma!

ANTÔNIO: No entanto, eu estou lutando por essas terras, por sua casa.

IMMÊNSCIA: Não, vamos deixar sua conversa pra depois? Ele vai lutar um bocado pra você. *...mas não. Não vou ficar ali e vou me adaptar. Vou me adaptar.*

Vai aí Francisco, a di-fer um beijo. Se. Ninguém, vai até lá dela querendo o bala.

FRANCISCO: Eu não pedi que lutasse por mim. Já disse que sou totalmente contra essas guerras. Essas terras não me pertencem.

ANTÔNIO: Para de ser burro e ingrato. Essa terra, está protegida por trabalho. Meu pai deixou essa terra pra mim, e eu vou protegê-la pra você, até a morte. Custe quantas vidas custar.

FRANCISCO: Uma vida vale muito mais do que essa terra malida.

ANTÔNIO: Sabe quantas vidas já caíram aqui, pra que essas terras fossem guardadas.

FRANCISCO: O senhor acha justo, tantas pessoas morrem por causa de um pedaço de terra. Eu já disse que não quero e não me importo com ela.

JOAQUIM: Então vai lá agora Antônio. Bem que eu suspeitava. Você temo querendo eu ganhar tempo.

ANTÔNIO: Que ganhar e que, que tempo eu quero ganhar?

FRANCISCO: Pelo amor de Deus não, abraça sua terra. Eu vim visitar a família.

JOAQUIM: Tu armado matáquel?

FRANCISCO: Mas é claro que não. Abalar esse rifle não é coisa em cumprimento. Sou um sobrinho!

JOAQUIM: Sobrinho, ou lá tenho irmã pra te sobrinho.

ANTÔNIO: Ô desconfiança. Sempre desconfiado de todo mundo. Não sou igual a você não Joaquin.

JOAQUIM: Lá lá sei o que me espera. Eu vió o fale sobre as terras.

FRANCISCO: De não tenho nada com isso e não quero me meter nas coisas de meu pai.

ANTÔNIO: Mas eu estou lutando pela terra por meu pai!

FRANCISCO: Eu não podi por acaso que ficasse isso? A terra pela qual está lutando não vale de nada. Pelo menos pra mim.

ANTÔNIO: São terras boas, mas não tem pasto para o gado.

FRANCISCO: Eu disse que quero estas terras!

ANTÔNIO: Há deus sei agradeço pra você, como é pra mim, seu pai.

JOAQUIM: Então Francisco, como você não quer estas terras, e seu pai insiste para que se faça acordo se você consente, vamos fazer o seguinte: eu não quero plantar, você não quer criar gado, então uma parte do bicho eu te dou e você do pato. Fazemos assim?

FRANCISCO: Tanto isso dizito com meu pai. Como posso apressar-me de algo que não é meu? Sei quando ter direito quando meu pai morrer, após isso, não terei direito sobre as terras.

JOAQUIM: Querê isso Antonio? Então com seu pai vivo depende dele... e se dependem de você então diferente! É Antonio, trouxe seu filho pra te defender e acabou te ajudando uma cidade. Tudo bem, agora volta a conversar. Não.

Insistem até aí.

ANTÔNIO: Você não é que vai dizer? Analiso minha sentença de morte. Você está desconfiado tudo por os meus filhos pela pató.

FRANCISCO: Não pai, não quis dizer isso.

ANTÔNIO: Mas disse. Devia ter esperado a chegada de casa. Se veio pra fazer tranquilidade, ficasse onde você queria.

Antonio sai.

Francisco fica sozinho, e chorando.

FRANCISCO: Oh meu Deus. Essa terra, terra boa, poeira ensopentada. Eu lembro da minha infância, correndo por essa mata. Essa chieira do mato, esse cheiro de terra, os pinheiros. Barulho de caralo. Chieira de lei.

Entre Cícero. *Ele se levanta do seu lugar e vai até Francisco. Ele se ajoelha e se ajoelha. Ele se ajoelha e se ajoelha.*

CÍCERO: Francisco... *Ele se ajoelha e se ajoelha. Ele se ajoelha e se ajoelha. Ele se ajoelha e se ajoelha.*

FRANCISCO: Claro...

CÍCERO: Como vai?

FRANCISCO: Tô bom, graças a Deus, e você Cícero?

CÍCERO: Bom, graças a Deus. Pressentimento de mágoa não se engana, mas não sei agora porque estava dizendo que não ia voltar.

FRANCISCO: É coitada, bem toda feliz! Mas, Cícero, se cala por aqui mesmo tão tristonha. Essa guerra.

CÍCERO: É melhor que não fique falando nisso.

FRANCISCO: É Cícero, agora as coisas apontam mais ainda pra meu lado, eu vim no interesse de... eu sei lá, ver minha família.

CÍCERO: De ficar?

FRANCISCO: Minha intenção era de ficar. Mas eu cheguei aqui, e meu pai, brigando com Joaquim. Não sei o que eu faço Cícero. Joaquim veio querendo fazer acordo comigo, no lugar de meu pai. Meu pai, acha que eu entregarei a vida dele no meio de Joaquim. O que que eu faço Cícero, pelo amor de Deus?

CÍCERO: Aqui lá de se tomar bastante cuidado com o que se diz. Ainda mais nessa hora. Imagina, as duas famílias brigadas do jeito que estão, não pode complicar Francisco.

FRANCISCO: Pelo amor de Deus. Tanto esforço as coisas por aqui. Ainda mais que, voltei também por causa de Rosa né... Você sabe, que, a gente, desde pequeno...

CÍCERO: Desde pequeno, eu sei lá! Desde pequeno.

FRANCISCO: Então Cícero, do jeito que as coisas estão, eu vou fugir com Rosa. Eu vou embora, e vou leva-la comigo.

CÍCERO: Francisco, você não pode fazer uma coisa dessas... Você não pode fazer isso. Não é só a sua vida que está em perigo. Tem a vida de Rosa também. Imagina como fica a Dona, se acontece alguma coisa com a menina???

FRANCISCO: Mas eu iria protegê-la.

CÍCERO: Ahã, veja como está a situação. Imagino só se Joaquim mora alguma coisa.

FRANCISCO: Claro, mas eu a amo.

CÍCERO: E eu não duvido de seu sentimento. Mas é isso! É que sua batem de paz e de religião. Não pensa considerar que você vive a mentira.

FRANCISCO: Mas Cícero, pensando bem, não é melhor eu tirá-la daqui? Deixa guerra? Não está melhor pra ela?

CÍCERO: Ainda não sei não.

FRANCISCO: Como é que isso aqui vai terminar? Claro? Do jeito que está, não se terminando. Colado da roupa. O amor da minha vida Cícero, pelo amor de Deus.

CÍCERO: Olha a situação que você me fez. Não pensa, ficar assim, arriscando a vida por aí. Essa briga de Joaquim de um lado, Antônio do outro. Mas eu sei que, seu sentimento por cincoenta, e no que eu poder ajudar, eu vou ajudar.

FRANCISCO: Então chama ela pra mim por favor Cícero...

CÍCERO: Francisco, cuidado com o que você vai dizer à moça. Muito cuidado.

FRANCISCO: Então Cícero.

CÍCERO: Deixa te chamar filha.

Claro chama Rosa

Martin aparece escondido, com a carteira.

ROSA: - Francisco, já estava com vontade!

FRANCISCO: - Rosa, espera. Eu tô com idéias e projetos que você aceita.

ROSA: - O que é?

FRANCISCO: - Se continuarmos aqui não conseguiremos nos casar, então... penso em fugir e quero que você comigo.

ROSA: - Claro que sim mas... quando? agora?

FRANCISCO: - Não. Fugiremos de noite quando todos estiverem dormindo; Nós encontramos aqui.

Martin sai.

ROSA: - Então combinado! Agora já vou indo, precisamos ser discretos. Até mais!

FRANCISCO - Assim não é assim!

Martin volta.

MARTIM - Ahã, mas essa Francisco tá brincando com fogo. Não é possível. Onde já se viu, ficar se misturando com Rosa. (surpreso). Mas eu não vou deixar isso quieto. Vou falar com Joaquim agora mesmo.

Martin sai, sem narrador e tira a cena.

NARRADOR - Vêi Maria, os tem que saber

Martin foi procura Rosa e não gostou do que viu
Francisco que levou a moça afeto desse Brasil
E o rapango de Joaquim não vai deixar isso barato
Pois todo mundo sabe que é de Rosa que ele gosta
E uma confusão tá prestes a ser armada
Martin quer fugir sem contar pra Joaquim
E um destino trágico vai aguardar esse amor sem fim.

Narrador sai. Acende fogo na varanda de Antônio. Está Francisco em uma banco esperando o boi. Lá é noite. Entra Inocência.

INOCÊNCIA - (passando a mão na cabeça de Francisco) - Gostou do boi meu filho?

FRANCISCO - Gostei muito! (para) Mãe, a senhora lembra, quando a senhora ia levar roupa, e a gente ficava brincando?

INOCÊNCIA - Oo se lembra meu filho. Que época boa aquela hein!

FRANCISCO - Ahã que saudade... (Joaquim) Mãe, quero contar uma coisa pra senhora.

INOCÊNCIA - Pois conta meu filho.

FRANCISCO - Estou aqui casado.

INOCÊNCIA - Ahã mas que marido é? E quem é a noitada?

FRANCISCO - É a Rosa mãe.

INOCÊNCIA - Fim com isso Francisco. Vai ficar brincando com fogo mesmo. Tá Joaquim sabe disso... Ahã mas Deus do céu, não quero nem pensar o que pode acontecer.

FRANCISCO - Mãe a gente se ama mãe.

INOCÊNCIA - Pois com tanta coisa bonita por aí, você foi se apaixonar junto com Rosa? É o melhor modo de se dar uma história de todo meu filho! Porque isso não vai ser coisa boa.

Essa casa se apaga. Acorda outro, na casa de Joaquim. Estão em casa Domana e Rosa.

DOMANA: Filha, está pensando na vida?

ROSA: Ahá né... Tanta coisa acontecendo, né?

DOMANA: Coisa boa?

ROSA: Talvez!

DOMANA: Pelo brilho nos seus olhos, vejo que tem amor de infância volando.

ROSA: Isso é ruim né?

DOMANA: Não. Isso é bom!

ROSA: Casa tão feliz você. Mas tanto medo?

DOMANA: Medo de que, minha filha?

ROSA: Medo de meu pai. Você, o que a senhora acha de eu fugir?

DOMANA: Ahá filha... Não vou fugir... Não, a não-quer que você seja feliz.

As duas se abraçam. Apaga a casa, acorda outro foco no meio (no lugar da mesa)

CICERO: Ahá que coisa bonita, calma. Parece até que fossem uma taigua para aquela guerra. Que bom seria se fosse assim. Porque eu já começo a me arrepender de ter ajudado Francisco. O menino, ainda tá com a cabeça de fazer uma coisa decente? Tudo que me resta a fazer, é ficar pelos deus.

Fazo apaga. Entra Joaquim sozinho, bebendo, coloca um chapéu sobre a mesa. Fala sozinho.

JOAQUIM: Eita, logo logo vou lá não tá todo pro chão. Eu vou ter que te desculpar!! Não é pra desculpa mas infelizmente tá assim. Eu achando que Francisco tá me atrapalhando, pois não tá é me ajudando não sim. (ris)

Entra Martin.

MARTIN: Oiêêê Joaquim Maninho!

JOAQUIM: Queim Martin! Chapa mais. Vamo beber! Tô comemorando a chegada de Francisco.

MARTIN: Pois não, se fosse o paião não comemorava tanto não.

JOAQUIM: Ochi, porque Martin?

MARTIM: Vi Francisco montado na sua cerca patife. E conversando com gente de tudo de ali.

JOAQUIM: O quê? E com quem ele ele teve conversado? Fala homem.

MARTIM: Ele teve conversado com Rosa patife.

JOAQUIM: Com Rosa?

MARTIM: É... E tem mais três patife, os dois estavam conversando de pé de curralão.

JOAQUIM: Não acredito numa coisa dessa!

MARTIM: E olha, diga mais... Ela está tramando alguma coisa

JOAQUIM: Não é possível!

MARTIM: Ficaram em templo ali conversando e na fogueira ali se curralão... Já vim falar com o senhor porque eu acho que isso não pode acontecer ali!

JOAQUIM: Lógico que não pode, eu vou falar com essa menina. O que ele está pensando. Alô... Não ouça para Francisco!

MARTIM: Fala, patife!

JOAQUIM: O que é?

MARTIM: Deixa eu contar uma coisa no peito de um Francisco, eu acho que isso não pode acontecer!

JOAQUIM: Não, pode deixar que eu mesmo quero acertar as contas com ele, tá pensando o quê? Eu vou falar com Rosa. Vai aperta os cavalos que agora mesmo vou mandar Rosa pra Espíthara.

MARTIM: Sim senhor!

Os dois saem da casa. Entra Rosa. Abre a porta que ganhou de Francisco.
Em seguida entra Joaquim.

JOAQUIM: Rosa! Alô... não, o que você estava fazendo perto da cerca

ROSA: Nada pai.

JOAQUIM: Não minta pra mim. Martin viu você conversando com Francisco no curralão.

ROSA: Eu só estava cumprimentando Francisco, não tinha nada demais.

JOAQUIM: O que você está tramando com o filho do nosso inimigo, você tá me apunhalando pelas costas não.

ROSA: Mãe pai, eu só estava cumprimentando. Já falei.

JOAQUIM: Porai, o que é isso que você está escondendo aí, hein menina?

ROSA: Mãe é nada.

JOAQUIM: Dêixa eu ver. Você está me desobedecendo?

ROSA: Eu não estou te desobedecendo.

JOAQUIM: Então me mostra! O que você está fazendo com isso? De quem é essa pontal?

ROSA: De minha só, Domana.

JOAQUIM: Marília! Você pensa que é a primeira vez que vejo essa arma? Era do meu pai e ficou pra Inocêncio. Quem foi deu essa pontal Rosa?

ROSA: Foi minha tia Inocência.

JOAQUIM: Porque você mentiu?

ROSA: Porque o senhor me proíbe de falar com ela.

JOAQUIM: Não foi do Francisco que você recebeu isso, não? Não tem com ele?

ROSA: Mãe, meu pai.

JOAQUIM: Aahá menina! Arrasta as suas coisas agora que o Martin já está apertando os nervos pra eu te mandar pra Espanha.

ROSA: Mãe pai, por que isso, se não é nada.

JOAQUIM: Você vai agora!

ROSA: Eu não vou.

JOAQUIM: Você vai, sem que eu te leve pelas cabecinhas aí lá.

ROSA: Eu não vou.

JOAQUIM: Você tá igualzinha sua mãe, costado pra não ter o mesmo fim que ela. É chega de conversa e agita suas coisas que você vai agora, agora.

Joaquim sai.

ROSA: Eu não vou. Mãe tem por que eu le, eu não preciso le. O que eu vou fazer? Eu preciso falar com o Francisco... Como eu vou fazer isso? Ei você! Você me esqueceu, não agü.

NARRADOR: Eu? Mas... mas...

ROSA: É, você mesmo! Vem logo!

NARRADOR: Não, mas é que eu tenho que contar a história... e... e...

ROSA: Escuta menina, preciso que você vá chamar Francisco, avise-lhe que meu pai desatendeu todo, que é pra ele fugir, se não meu pai vai mata-lo. Vai logo, Anela menina.

Narrador vai até o Prêdio, Chama Francisco vem sem entender o que está acontecendo.
Narrador começa a falar destrambelhadamente. Não fala nada com nada. Ah! que Francisco é bobão.

NARRADOR: A Rosa... Ela pediu pra te avisar... Ah, que o pai dela desatendeu todo... Corre, vai ver o que ela quer... Tem que fugir... Vai logo, chama ela.

Francisco vai até a casa e chama Rosa. Narrador sai de cena.

FRANCISCO: Rosa, Rosa...

Joaquim entra.

JOAQUIM: O que é que você quer com a Rosa hein? Maluco, você está querendo desmanchar minha família?

FRANCISCO: Meu Tio, a gente se ama e vamos ficar juntos resto o que restar.

JOAQUIM: Mas você não vê nada.

Joaquim abraça Francisco. Ele cai em choro forte. Antônio entra.

ANTÔNIO: O que tá acontecendo aqui? (para Francisco) Bom, Bo de uma água. Eu vou te contar.

JOAQUIM: Abê! não vai mesmo. Abaixa meu irmão Antônio. Ele morreu, desmançou Rosa.

ANTÔNIO: Mortinho do sapato. Cala a boca. Ele nunca faria isso.

JOAQUIM: Mas foi.

Entra Inocência... vê o filho estirado no chão. Grita, chora.

INOCÊNCIA: O que tá acontecendo. Abê! meu filho, Francisco. Eu falei pra ele não se meter com esta menina.

JOAQUIM: Querê Aninha. Eu só fiz isso pq desmançou minha família.

ANTÔNIO: Então é verdade Inocência?

Ela responde que sim com a cabeça.
Entra Rosa.

ROSÁ: Que barulho foi esse??

JOAQUIM: Vamos rosa.

ROSÁ: Francisco...

Sai Joaquim e Rosa, entra Cícero.

CÍCERO: Eu sabia que esta desgraça ia acabar acontecendo.

Cícero canta Nilo-Chora.

CÍCERO: Nilo-Chora nê,
Pra que chorar
Molhando as mãos
Nilo pode virar,
A mãe do moço paga seu filho
e põe na varanda pra gente ver.

Enquanto ele canta, Narciso tira a rede.

Retirada de Donata, Diogenes Cícero vai até a casa de verêrio, e muda de música. Donata vai até o meio do palco. Cícero e Antônio fazem o procedimento do velório. Inocência se lamenta.
Enquanto cantinha com a mãe, entra a música de Cícero, iniciando lá fin suas lamentações.

INOCÊNCIA: Ai mãe meu Deus do céu... meu filho... tio novo...
Ai lá quando eu tinha por esse momento...
Mão trancada... eu chora, eu disse meu filho, pra que amarrasse outro amor
Te casada disse guerra... Daqui a pouco pouco também meu marido e meu irmão...
O que mais eu tenho meu Deus?
Francisco voltou pra casa pra perder a vida?... Ele se foi de novo meu Deus...

Inocência se ajoelha no lado do filho. Fica em cena somente Cícero e Inocência.

INOCÊNCIA: Ai mãe Francisco... vai com Deus meu filho...
A mãe te ama muito... meu menino.

Cícero leva Inocência embora. Entra Rosa.

ROSA: Tanta compor o nosso amor
Dentro da tua melancolia
Tanta a loucura, toda o martírio
De uma paixão louca
Tua boca-dorada, nosso refúgio
Um tempo desceido

Tudo pisado, tudo partido
Tudo no chão-jogado
E em cada canto
Teu desamando
Tua melancolia
Tua triste volta desesperada
Ante a que eu te disse
E logo o espanto e logo o insulto
O amor dilacerado
E logo o pranto ante a agente
Do teu consumado

Silenciosa
Ficca a rosa
Na chita despendida
Que eu sem mais dozes tentei a morte
Rancorosa do nada
O teu perfume, tua doce prisão
A tua pele amada
Tudo desfeito, tudo partido
A rosa desfeita.

Rosa termina sua poesia, se prepara para se misturar com seu jardim. Dentro de sua ação há um grão. A pé e o grão, os outros personagens entram em cena, vêem que Rosa também está morta, ficam um pequeno momento parados, e também gritam, cada um a seu modo.

CÍCERO: Digam o que quiserem, mas o amor que morre hoje é por causa dessa terra, não por causa do chão, mas pela ganância e essa guerra que carrega não só a família, como o amor dessa dois. Eu ainda sei, mas que seguranças se tem contra o amor?
Ahh, se Joaquim também o que era meu amor, se Antônia também o desamparo de Elio a essa martíria. Hoje o amor se derbe perante nossos olhos, mas ainda vive como o jardim da Rosa. Prefiro achar que o chão venceu o amor, mas era esse mundo que não estava pronto pra esse sentimento.
A guerra acabou, não por falta de armas, mas por não ter pelo que brigar.
Deus do céu, olhamo a ti, breve esse chão, esse tempo, here a nossa alma, por que não tenha mais lágrimas pra chorar, a só chorando e silêncio aqui nessa paisagem, a vida tende a acabar... Luta, luta...

NARRADOR: E essa mulher que antes era rosa
Agora ninguém vai enxergar
E tanta lágrima derramada
Que até parece outro lugar

Mas a água limpa os caminhos
E essas coisas foi de limpar
Quem sabe agora, depois da tempestade
Essa família consegue se apertar

Narrador: fecha o livro e continua contando a história
E assim termina a história
De uma briga entre famílias
Cada um filioso do inimigo
Cultivaram sentimentos proibidos
Morrendo por esse amor ...
Pera, pera... pera...
Olha só a coincidência
Pra rimar com amor
Se consegui encontrar a dor ...
Mas agora preciso ir embora
Contei essas coisas,
É o espaço que tinham entendido,
Que o dia é o amor de novo.

OLHA, a prova tá muito boa
Mas já deu a minha boca
Antes que eu me desloque
Pois preciso ir embora
Se você gostou da peça
Então peça, e vai embora!

Sai passando o chapéu e fazendo todo o barulho do início novamente.
Fim.